

O LÚDICO COMO CAMINHO PARA A LITERATURA ANTIRRACISTA: UMA LEITURA DE AMORAS, DE EMICIDA

Rosimeire dos Santos¹

Camila Carla de Paula Matos²

Luciene dos Anjos Calatrone³

Wenderson Murilo dos Santos⁴

RESUMO: Este artigo analisa a importância do lúdico como estratégia de mediação para a literatura infantil de caráter antirracista, tendo como objeto de estudo a obra *Amoras* (2018), do brasileiro Emicida. Parte-se do entendimento de que o lúdico, compreendido como dimensão do brincar, do jogo e da criatividade, constitui um recurso essencial para a aprendizagem e a formação cultural dos sujeitos. Os estudos clássicos de Vygotsky (1998), Huizinga (2000) e Kishimoto (2011) apontam para a centralidade do brincar no desenvolvimento humano, mas pesquisas mais recentes têm ampliado esse debate ao evidenciar sua relevância em contextos educativos diversos (Brougère, 2010; Santos, 2016; Schlindwein; Laterman; Peters, 2017; Wajskop, 2018; Carvalho, 2020; Soares, 2021). Nesse sentido, busca-se evidenciar como a ludicidade potencializa a leitura literária, transformando-a em experiência prazerosa, crítica e significativa. No caso específico de *Amoras*, a narrativa enfatiza a valorização da identidade negra e da autoestima das crianças, configurando-se como uma literatura de resistência e afirmação, alinhada ao movimento de promoção da representatividade e do enfrentamento ao racismo. Defende-se que o lúdico, quando articulado à literatura infantil de caráter antirracista, possibilita práticas pedagógicas que unem imaginação, encantamento e consciência social. Conclui-se que essa articulação contribui para a formação de leitores críticos, para o fortalecimento de identidades positivas e para a consolidação de uma educação plural e democrática, que reconhece a diversidade como um valor fundamental.

4101

Palavras-chave: Ludicidade. Literatura Infantil. Antirracismo. *Amoras*. Mediação de Leitura.

ABSTRACT: This article analyzes the importance of playfulness as a mediation strategy for anti-racist children's literature, focusing on the book *Amoras* (2018), by the Brazilian author Emicida. It is based on the understanding that playfulness—conceived as a dimension of play, games, and creativity—constitutes an essential resource for learning and for the cultural formation of subjects. Classic studies by Vygotsky (1998), Huizinga (2000), and Kishimoto (2011) highlight the central role of play in human development, while more recent research has expanded this debate by evidencing its relevance in diverse educational contexts (Brougère, 2010; Santos, 2016; Schlindwein; Laterman; Peters, 2017; Wajskop, 2018; Carvalho, 2020; Soares, 2021). In this sense, the aim is to show how playfulness enhances literary reading, transforming it into a pleasurable, critical, and meaningful experience. In the specific case of *Amoras*, the narrative emphasizes the appreciation of Black identity and children's self-esteem, configuring itself as a literature of resistance and affirmation, aligned with the movement for representativeness and the fight against racism. It is argued that playfulness, when articulated with anti-racist children's literature, enables pedagogical practices that combine imagination, enchantment, and social awareness. It is concluded that this articulation contributes to the formation of critical readers, the strengthening of positive identities, and the consolidation of a plural and democratic education that recognizes diversity as a fundamental value.

Keywords: Playfulness; Children's Literature; Anti-racism; *Amoras*; Reading Mediation.

¹ Aluna do programa de pós-graduação – nível mestrado na São Luís University.

² Aluna do programa de pós-graduação – nível mestrado na São Luís University.

³ Aluna do programa de pós-graduação – nível mestrado na São Luís University.

⁴ Aluno do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a Literatura ocupa lugar fundamental na formação cidadã, pois possibilita o leitor a vivenciar experiências simbólicas, refletir sobre diversas realidades e sobre sua própria existência. Antônio Cândido (2004) defendeu a ideia de que a Literatura não é apenas um produto estético, mas um direito fundamental que atua fortemente da sensibilidade, na imaginação e na ampliação da visão de mundo. Nesse sentido, o exercício da leitura e o contato com a Literatura deve ser fator indissociável do espaço escolar desde a Educação Infantil, época que, embora as crianças não leiam, convencionalmente, já são capazes de atribuir sentidos, construir hipóteses e interagir com narrativas por meio da oralidade, da escuta e do imaginário. Assim, a leitura literária, mesmo antes da alfabetização formal, configura-se como experiência estética e formativa que amplia horizontes culturais, favorece o desenvolvimento da linguagem e fortalece os vínculos sociais.

Nessa perspectiva, no âmbito da literatura infantil, essa função adquire relevância ainda maior. Ao apresentar às crianças histórias, imagens e personagens, a literatura contribui para a construção da identidade, para o desenvolvimento da criatividade e para o fortalecimento de valores sociais e culturais. Mais do que entreter, a narrativa literária voltada ao público infantil permite que os pequenos leitores reconheçam a si mesmos e aos outros, formando uma consciência marcada pelo respeito à diversidade. Essa dimensão torna-se essencial em sociedades como a brasileira, atravessada por desigualdades históricas e pelo racismo estrutural. A literatura infantil antirracista, portanto, emerge como ferramenta de resistência, de valorização da identidade negra e de promoção da representatividade, conforme defendem autores como Nilma Lino Gomes (2002) e Kabengele Munanga (2005). Nesse sentido, obras que rompem com estereótipos e oferecem às crianças negras imagens positivas de si mesmas desempenham papel crucial na formação de sujeitos críticos e confiantes.

É nesse cenário que se insere *Amoras* (2018), do artista brasileiro Emicida. Inspirada em uma fala de sua filha, a obra reafirma a beleza e a potência da negritude, associando-a à imagem das amoras pretas, pequenas e fortes. Ao mesmo tempo em que ressignifica símbolos, o livro cria um espaço de diálogo entre infância, identidade e resistência, configurando-se como um recurso didático de grande potencial pedagógico.

O lúdico, entendido como a dimensão do brincar, do jogo e da imaginação, constitui-se em elemento essencial no desenvolvimento humano, especialmente durante a infância. Autores como Vygotsky (1998) e Kishimoto (2011) destacam que o brincar não é apenas passatempo, mas uma forma de aprendizagem significativa que estimula a criatividade, a socialização e a

construção de sentidos. Quando associado ao trabalho com a literatura na Educação Infantil, o lúdico potencializa a experiência leitora, pois transforma a narrativa em vivência prazerosa e participativa. Ao explorar histórias por meio de jogos, dramatizações, músicas e artes visuais, as crianças não apenas compreendem os enredos, mas se reconhecem como sujeitos ativos do processo, atribuindo novos significados às obras e ampliando suas possibilidades de leitura do mundo.

Refletir sobre a articulação entre ludicidade e literatura antirracista torna-se fundamental no contexto educacional brasileiro, uma vez que o racismo estrutural ainda permeia as práticas sociais e impacta a formação identitária das crianças. A ausência de representações positivas da população negra nas narrativas literárias, por muito tempo, reforçou estigmas e contribuiu para a manutenção de desigualdades. Diante disso, pensar a literatura infantil a partir de estratégias lúdicas não se limita ao entretenimento, mas constitui um movimento de resistência e de formação crítica, capaz de unir o prazer estético à consciência social.

Assim, refletir sobre a presença da literatura e do lúdico no espaço escolar é fundamental para a formação integral das crianças. A literatura, enquanto manifestação artística e cultural, possibilita o contato com diferentes vozes, histórias e identidades, favorecendo a ampliação de repertórios e a construção de sentidos sobre o mundo. Já o lúdico, ao transformar a leitura em experiência prazerosa, participativa e criativa, potencializa esse encontro, tornando-o mais significativo e acessível. Quando articulados, literatura e ludicidade tornam-se instrumentos pedagógicos de resistência, capazes de valorizar a identidade negra e de enfrentar preconceitos que ainda persistem na sociedade. Nesse contexto, a pergunta que orienta a investigação é: como a articulação entre literatura e ludicidade, na mediação da obra *Amoras*, de Emicida, pode contribuir para a formação de leitores críticos e para a consolidação de uma literatura infantil de caráter antirracista?

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como a articulação entre literatura e ludicidade pode contribuir para a mediação da obra *Amoras*, de Emicida, promovendo a valorização da identidade negra, o enfrentamento do racismo e a formação de leitores críticos na Educação Infantil. Para alcançar esse propósito, busca-se compreender as contribuições teóricas do lúdico para o trabalho com a literatura infantil e sua relação com práticas educativas de caráter antirracista, bem como propor uma atividade pedagógica que utilize estratégias lúdicas como forma de mediação da obra no espaço escolar.

Assim, ao reconhecer a literatura como direito fundamental e o lúdico como dimensão essencial do desenvolvimento humano, esta pesquisa pretende evidenciar que a união desses

dois elementos amplia as possibilidades de formação crítica e estética das crianças. A análise da obra *Amoras*, de Emicida, se mostra pertinente por seu potencial de afirmação da identidade negra e de enfrentamento ao racismo, permitindo refletir sobre práticas pedagógicas que aliem encantamento e consciência social. A partir dessa perspectiva, o estudo se organizará em três movimentos: a discussão sobre o conceito de ludicidade e suas implicações para a educação; a relação entre literatura infantil e antirracismo; e, por fim, a análise da obra em questão, acompanhada de uma proposta de atividade que busca articular ludicidade e mediação de leitura no espaço escolar.

2. O LÚDICO: CONCEITOS E PERSPECTIVA

Desde a antiguidade, o conceito do lúdico já era reconhecido como um elemento que transcendia o simples entretenimento. Em Platão, encontramos a ideia de que a brincadeira, a criatividade e a imaginação carregam em si uma força formativa:

Brincando, aprenderá, o futuro construtor, a medir e a usar a trena; o guerreiro, a cavalgar e a fazer qualquer outro exercício (...) (Platão *apud* Silveira, 1998, p. 40).

Nesse horizonte, brincar não é apenas atividade espontânea, mas espaço de aprendizagem, disciplina e cultivo da sensibilidade. Ao trazer essa reflexão para o contexto contemporâneo, compreende-se que o lúdico continua sendo um elemento essencial no processo educativo. É no brincar que a criança experimenta papéis, constrói significados e desenvolve capacidades cognitivas, emocionais e sociais. Dessa forma, a ludicidade se configura como linguagem privilegiada da infância, pela qual se tecem os primeiros fios da identidade, da autonomia e da criatividade. Assim, retomar a noção platônica e articulá-la às concepções atuais significa reafirmar a importância do lúdico como eixo estruturante das práticas pedagógicas, capaz de unir prazer e conhecimento em favor de uma formação integral.

Nesse sentido, convém destacar concepções e perspectivas acerca do lúdico, contemplando pesquisadores clássicos e contemporâneos. Inicialmente, destacam-se as ideias de Kishimoto (2011), a qual concebe o lúdico como dimensão fundamental no processo de aprendizagem, uma vez que possibilita à criança integrar prazer e conhecimento. Para a autora, o brincar é uma forma de expressão que favorece a socialização, a construção de significados e o desenvolvimento cognitivo, sendo, portanto, indispensável às práticas pedagógicas. Trata-se de um conceito que ultrapassa o simples ato de brincar sob o qual muitas vezes ele é resumido. Ele envolve atividades que despertam prazer, curiosidade e engajamento, constituindo-se como uma dimensão essencial do desenvolvimento humano. Do ponto de vista pedagógico, o lúdico

é compreendido como prática que articula aprendizagem e prazer, promovendo a construção de saberes em um ambiente de liberdade e criatividade. Kishimoto (2011) já destacava que a ludicidade possibilita a mediação de conhecimentos de forma significativa, aproximando o estudante do conteúdo escolar. Sabe-se que crianças brincam o tempo todo e é por meio da brincadeira, da exploração da criatividade, da imaginação e da promoção do prazer ao brincar que as atividades escolares adotam caminhos lúdicos para promover o interesse e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

Para Kishimoto (2005), o conceito de “lúdico” se ancora à noção de imaginação, já que as crianças têm capacidade de criar um mundo imaginário.

As crianças querem satisfazer certos desejos que muitas vezes não podem ser satisfeitos imediatamente. [...] Como a criança pequena não tem a capacidade de esperar, cria um mundo ilusório, onde os desejos irrealizáveis podem ser realizados. (Kishimoto, 2005, p.60)

Desse modo, por não possuir ainda a maturidade para esperar, a criança cria um universo ilusório em que seus anseios são realizados simbolicamente, o que evidencia a dimensão subjetiva e criativa do brincar. Nesse sentido, o lúdico não se reduz a uma atividade de distração, mas constitui-se como um recurso psíquico e cultural fundamental para o desenvolvimento infantil. Essa perspectiva ressalta que o lúdico está vinculado à imaginação e à fantasia, funcionando como meio pelo qual a criança interpreta a realidade e constrói novos significados. Ao projetar seus desejos em situações simbólicas, ela experimenta papéis, testa hipóteses e aprende a negociar com o mundo ao seu redor. Dessa forma, o brincar, enquanto manifestação do lúdico, torna-se uma ponte entre a realidade concreta e o universo subjetivo, favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais.

4105

Além disso, Kishimoto (2005) destaca a centralidade do brincar na vida da criança. Em conformidade com a autora:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (Kishimoto, 2010, p.01).

Desse modo, compreende-se o papel que o lúdico desempenha na vida da criança, uma vez que essa aprende a partilhar, resolver conflitos, repetir ações prazerosas e solucionar problemas, adquirindo habilidades que a acompanharão ao longo da vida. A relação estabelecida com objetos, pessoas, natureza e cultura durante as brincadeiras amplia seu repertório de experiências, permitindo-lhe compreender melhor o ambiente em que vive. Essa prática, portanto, é fundamental para a formação de competências socioemocionais e para o fortalecimento da capacidade de criar e imaginar. No plano da imaginação, o brincar ganha ainda mais relevância, pois mobiliza significados e possibilita à criança elaborar novas interpretações sobre a realidade. A cultura da infância, como ressalta Kishimoto (2005), se constrói nesse movimento criativo, em que a brincadeira é não apenas expressão, mas também aprendizagem e desenvolvimento.

Vygotsky (1998) traz reflexões importantes sobre o lúdico na infância. Para o autor, o lúdico é essencial na formação da criança, pois por meio do brincar ela consegue agir de forma superior a que ela agiria em uma situação real. O autor destaca que, ao brincar, a criança cria um espaço imaginário em que pode experimentar papéis sociais, elaborar regras e desenvolver funções psicológicas superiores, como atenção, memória e imaginação. Dessa forma, o lúdico não se limita ao prazer da brincadeira, mas constitui um campo privilegiado de aprendizagem e de desenvolvimento. Conforme destaca Vygotsky (1998),

4106

(...) as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (Vygotsky, 2003, p. 131).

A perspectiva vygotskiana enfatiza que o brincar está diretamente ligado ao processo de socialização. No jogo simbólico, a criança assume papéis, internaliza normas e compreende as relações sociais que a cercam. Assim, o lúdico funciona como mediador entre a realidade externa e o mundo interno da criança, favorecendo a apropriação da cultura e a construção de significados. Nesse processo, a interação com outras crianças e com os adultos se torna fundamental para que o brincar se configure como espaço de desenvolvimento potencial.

Outro conceito sobre o lúdico diz respeito às ideias de Marinho (2007). De acordo com o autor, a ludicidade permite que sejam estabelecidas relações necessárias para que as crianças se desenvolvam tanto cognitivamente como socialmente e nesse movimento a escola desempenha papel fundamental.

A escola deve priorizar, em seu projeto político pedagógico, o desenvolvimento de atividades que privilegiem o lúdico. Os educadores, por sua vez, no espaço da sala de aula, devem fazer da ludicidade um dos principais eixos norteadores de sua prática pedagógica (Marinho, 2007, p. 91).

Nesse viés, reforça-se a ideia de que o lúdico não deve ser visto apenas como brincadeira sem valor pedagógico. Ao propor que a escola priorize atividades que privilegiam a ludicidade, destaca-se a necessidade de se pensar a educação para além da transmissão de conteúdos, mas capaz de formar indivíduos de forma integral, em que aprender e brincar caminham juntos.

Dessa forma, ao considerar as diferentes concepções e perspectivas sobre o lúdico, percebe-se que ele transcende a ideia de simples entretenimento para assumir o papel de dimensão essencial do desenvolvimento humano e da prática educativa. Os estudos de autores clássicos, como Kishimoto e Vygotsky, e as contribuições de pesquisadores contemporâneos evidenciam que o brincar favorece tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o social e emocional, configurando-se como linguagem da infância e espaço de elaboração simbólica. A ludicidade, portanto, não pode ser vista apenas como um recurso pedagógico, mas como elemento estruturante das experiências de aprendizagem, capaz de articular prazer e conhecimento em um mesmo movimento.

Nesse sentido, valorizar o lúdico no contexto escolar é reconhecer sua potência formadora e transformadora. Ao integrar brincadeiras, jogos e práticas criativas no cotidiano da sala de aula, o professor promove não apenas aprendizagens significativas, mas também a construção da autonomia, da criticidade e da identidade dos estudantes. Assim, o capítulo sobre os conceitos e perspectivas do lúdico permite concluir que a ludicidade é uma via de acesso ao conhecimento que respeita a infância, fortalece a cultura escolar e amplia as possibilidades de uma educação mais inclusiva, humanizada e integral.

4107

3. LITERATURA INFANTIL E ANTIRRACISMO

A literatura infantil deve ser entendida como um espaço de descobertas e de construção de sentido. Como vimos, a imaginação, a criatividade e o brincar fundamentam o lúdico e, também por meio da leitura, é possível ampliar horizontes, experimentar diferentes perspectivas e elaborar compreensões sobre si e sobre o outro. O texto literário, ao encantar e provocar reflexões, transforma-se em ferramenta formativa, capaz de estimular a sensibilidade e a criticidade desde a infância. Conforme destaca Alves (2008),

Se fosse ensinar a uma criança a arte da leitura, não começaria com as letras e as sílabas. Simplesmente leria as histórias mais fascinantes que a fariam entrar no mundo encantado da fantasia. Aí então, com inveja dos meus poderes mágicos, ela desejaria que eu lhe ensinasse o segredo que transforma letras e sílabas em histórias. É muito simples. O mundo de cada pessoa é muito pequeno. Os livros são a porta para um mundo grande (Alves, 2008, p. 103)

Nesse sentido, a literatura infantil deve ser entendida como um espaço de descoberta e de construção de sentidos, em que a imaginação é o caminho para o aprendizado e para a formação humana. Autores como Abramovich (1997) e Zilberman (2005) destacam que, ao escutar ou ler histórias, a criança não apenas se diverte, mas também se apropria de valores, amplia sua visão de mundo e constrói sua identidade. A literatura infantil, portanto, é mais que recurso pedagógico: é um exercício de humanidade, que se abre à pluralidade das vozes e culturas, preparando o leitor em formação para compreender e respeitar a diversidade que constitui a vida em sociedade.

Conforme destaca Coelho (2000), a escola é o espaço privilegiado para formação do indivíduo e a literatura possibilita que, por meio dela, aspectos reflexivos sejam incorporados à prática escolar.

nesse espaço, privilegiando os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do “eu” em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis, e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente condição para a plena realidade do ser (Coelho, 2000, p. 16).

Nesse contexto, a literatura ocupa papel central, pois amplia o horizonte de significações e convida o estudante a refletir sobre o mundo e sobre si mesmo. Ao inserir o texto literário na prática pedagógica, a escola garante que a criança e o jovem tenham contato com experiências estéticas e culturais diversificadas, que não apenas informam, mas formam, estimulando o pensamento crítico, a sensibilidade e a imaginação. Dessa forma, a literatura torna-se uma via pela qual a aprendizagem transcende o espaço da sala de aula, alcançando a vida cotidiana e os modos de compreender a realidade.

Ainda segundo Coelho (2000), os estudos literários, mais do que quaisquer outros, estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas dimensões e a consciência do “eu” em relação ao outro. Esse movimento revela a potência da literatura como prática humanizadora, capaz de desenvolver competências linguísticas, ampliar a expressão verbal e contribuir para a formação integral do ser. Quando a escola prioriza o contato dos alunos com a leitura literária, dinamiza não apenas o conhecimento da língua, mas também a capacidade de interpretar o mundo em diferentes níveis. Assim, a literatura na escola deixa de ser mera disciplina para se constituir como espaço de diálogo, de consciência crítica e de construção de uma cidadania plena.

Conforme destacam Pereira e Nascimento (2020), a literatura exerce um papel fundamental nos processos subjetivos de significação das crianças, uma vez que não se limita à

transmissão de conteúdos, mas contribui para a construção de sentidos que atravessam a formação pessoal e social. Nesse sentido, ao ter contato com narrativas, personagens e enredos, a criança reelabora suas próprias vivências e amplia sua percepção do mundo, fortalecendo aspectos emocionais, culturais e identitários. Dessa forma, a leitura literária torna-se um espaço privilegiado de diálogo entre imaginação e realidade, possibilitando à criança não apenas reconhecer-se nas histórias, mas também compreender outras perspectivas e modos de existir. Esse processo amplia a sensibilidade, estimula a empatia e favorece a constituição de valores éticos e estéticos, revelando a importância da literatura infantil como mediadora na formação integral do sujeito.

Para Lima (2005)

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo (Lima, 2005, p. 101).

Desse modo, observa-se a prática formadora desde os primeiros anos escolares, ao ressaltar que sua influência vai além do texto escrito e se estende também às imagens que o acompanham. As narrativas literárias, associadas às ilustrações, constituem um conjunto de significados que não apenas entretêm, mas também moldam visões de mundo, representações sociais e valores culturais. Ao interagir com esses enredos, a criança não apenas desenvolve habilidades de leitura, mas aprende a interpretar símbolos, a refletir sobre a sociedade e a construir sua própria identidade. Nesse sentido, a literatura na escola deve ser compreendida como instrumento de formação integral, pois oferece às crianças contato com diferentes linguagens, perspectivas e modos de ver o mundo. Ao revelar crenças, arranjos simbólicos e visões culturais, os textos e imagens literárias contribuem para que o aluno reconheça a diversidade humana e desenvolva uma consciência crítica. Assim, a literatura assume um papel de mediação entre o imaginário infantil e a realidade social, constituindo-se como um dos mais poderosos recursos pedagógicos para a formação de cidadãos sensíveis, reflexivos e preparados para conviver com as diferenças.

É nesse cenário de grande importância que a Literatura antirracista se constitui como uma ferramenta potente para a desconstrução de preconceitos e para a valorização das identidades negras. Para Munanga (2005), o racismo é um fenômeno histórico e estrutural, presente nas práticas sociais e culturais, sendo necessário criar espaços de resistência e afirmação. A literatura voltada para a infância, nesse contexto, pode atuar como um desses

espaços, permitindo que as crianças tenham acesso a narrativas que representem positivamente a população negra e rompam com estereótipos historicamente perpetuados. Lima (2005) destaca que “a literatura é, portanto, um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde “ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito”. Essa afirmação destaca o poder formador da literatura, uma vez que, ao se ver nos personagens e enredos, a criança constrói referências para elaborar sua identidade e compreender seu lugar no mundo. Não se trata apenas de consumir histórias, mas de dialogar com elas, de reconhecer-se ou de confrontar imagens que podem reforçar ou romper estereótipos. Nesse processo, a literatura se torna prática cultural e pedagógica que ultrapassa o entretenimento, assumindo papel essencial na construção subjetiva e social do sujeito em formação.

Adichie (2009), em sua célebre fala *O perigo de uma história única*, revela como, quando criança, escrevia histórias reproduzindo modelos norte-americanos que lia, com personagens loiros, de olhos azuis, que comiam maçãs e brincavam na neve — elementos totalmente alheios à sua realidade nigeriana. Essa experiência mostra como a ausência de representatividade pode aprisionar a imaginação e limitar a construção da identidade, levando o sujeito a internalizar padrões culturais hegemônicos como universais. Ao refletir sobre isso, Adichie (2009) evidencia a necessidade de ampliar os repertórios literários, de modo que as crianças tenham acesso a múltiplas vozes e narrativas, capazes de validar suas origens, culturas e modos de vida. Assim, evita-se a reprodução de uma única perspectiva, promovendo uma literatura que, em vez de silenciar, reconheça e valorize a diversidade.

4110

Nesse mesmo direcionamento, para Silva (2015), a literatura antirracista não apenas oferece novas representações, mas também contribui para o fortalecimento da autoestima e da identidade das crianças negras, ao mesmo tempo em que educa todas as crianças para a convivência respeitosa e para a valorização da diversidade. Ao apresentar protagonistas negros em posições de coragem, inteligência e sensibilidade, essas obras promovem uma revisão crítica dos papéis sociais e culturais, abrindo caminho para uma educação inclusiva e emancipatória.

Dessa maneira, compreender a literatura infantil como espaço de formação crítica e subjetiva significa reconhecer sua potência para além do entretenimento. Ela oferece às crianças a possibilidade de se verem representadas, de ampliarem seus horizontes culturais e de questionarem imagens cristalizadas pela tradição. Ao mesmo tempo, contribui para a construção de identidades mais seguras e plurais, possibilitando que os leitores em formação se reconheçam nas narrativas e também aprendam a respeitar a diversidade. A literatura, nesse sentido, atua como um território de disputas simbólicas, no qual valores, crenças e visões de mundo são constantemente produzidos e reconstruídos.

Nessa perspectiva, a literatura antirracista surge como uma resposta necessária ao perigo da história única, conforme advertiu Adichie (2009). Ao trazer para o centro da narrativa personagens negros em sua força, beleza e humanidade, rompe-se com o silêncio e com os estereótipos que historicamente marginalizaram essas vozes. Assim, o capítulo evidencia que a escola, ao integrar a literatura infantil antirracista às práticas pedagógicas, cumpre um papel essencial na formação de leitores críticos, sensíveis e conscientes, capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

4. AMORAS, DE EMICIDA: ANÁLISE E POTENCIAL PEDAGÓGICO

Em 2018, o escritor brasileiro Emicida, conhecido nacionalmente por suas músicas com temáticas sociais, publicou o livro *Amoras*. A obra apresenta-se em diálogo profundo com a infância, ao mesmo tempo em que carrega significados sociais e culturais de grande relevância. Inspirado em uma de suas canções, o autor constrói uma narrativa poética e simbólica que valoriza a identidade negra, reforçando a importância da representatividade na literatura infantil. A obra se estrutura em torno de metáforas delicadas, como a comparação entre as amoras e as crianças negras, exaltando a beleza, a força e a singularidade dessas identidades muitas vezes invisibilizadas pela história.

Um aspecto singular de *Amoras* é o fato de nascer do rap homônimo de Emicida, o que confere à obra uma força poética marcada pela oralidade e pela musicalidade. Ao trazer para a literatura infantil elementos da cultura hip-hop, o autor rompe fronteiras entre linguagens e reafirma o rap como forma legítima de expressão estética e social. O texto poético, mesmo em sua simplicidade, carrega ritmo, cadência e imagens simbólicas que convidam o leitor a sentir a palavra como música e a música como palavra. Esse entrelaçamento entre poesia e rap amplia o potencial pedagógico do livro, pois aproxima a criança de um universo cultural vivo e presente em seu cotidiano, ao mesmo tempo em que valoriza a arte como instrumento de identidade, resistência e encantamento.

O autor constrói um enredo breve, mas carregado de simbolismo, em que cada metáfora se converte em oportunidade de reflexão sobre identidade, ancestralidade e autoestima. Ao valorizar a cor da amora como símbolo de beleza e orgulho, Emicida contrapõe-se a discursos históricos de marginalização e inferiorização da população negra, oferecendo às crianças uma narrativa em que elas podem se reconhecer de forma positiva. Em construções como “Amoras penduras a brilhar, quanto mais escuras, mais doces, pode acreditar” (Emicida, 2018, p.12), evidencia-se a força poética e simbólica do texto, que associa a cor escura da fruta a uma valorização positiva da negritude. Essa metáfora ressignifica um traço historicamente

estigmatizado e o transforma em motivo de orgulho e beleza, oferecendo às crianças negras a oportunidade de se reconhecerem em imagens que afirmam sua identidade. Ao mesmo tempo, a passagem ensina às demais crianças o valor da diversidade, desconstruindo preconceitos e promovendo o respeito às diferenças. Nesse jogo poético, Emicida reafirma que a literatura infantil pode ser um instrumento de resistência cultural e de formação crítica, ao mesmo tempo em que encanta pela musicalidade e pela simplicidade de suas palavras.

O potencial pedagógico da obra *Amoras* (2018), de Emicida, manifesta-se primeiramente pela sua acessível, constroem uma ponte entre o passado de lutas e o presente das crianças, mostrando-lhes que sua identidade está vinculada a histórias de coragem e transformação social. Nesse sentido, a obra possibilita a construção de valores como justiça, igualdade e respeito às diferenças.

Munanga (2005) destaca que a educação antirracista é fundamental para desconstruir estereótipos e romper com as estruturas de exclusão que ainda persistem na sociedade brasileira. *Amoras* se insere nesse contexto como recurso literário que permite trabalhar, desde a infância, valores de pertencimento, autoestima e respeito às diferentes origens étnicas. Do ponto de vista pedagógico, a leitura da obra possibilita práticas diversas: rodas de leitura, análise das metáforas, diálogos sobre identidade, produção artística e até conexões com a música, considerando a origem da narrativa em um rap. Essas estratégias aproximam os estudantes da cultura afro-brasileira e possibilitam aprendizagens significativas, uma vez que conectam literatura, arte e cidadania. Como reforça Coelho (2000), a literatura tem o poder de dinamizar a mente e ampliar a percepção da realidade em suas múltiplas dimensões, fazendo com que o texto literário vá além da estética, constituindo-se em recurso de formação ética e social.

4112

Nesse viés, Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento infantil ocorre a partir das interações sociais e culturais, o que reforça a importância de oferecer narrativas que valorizem a diversidade e possibilitem experiências de reconhecimento positivo. Nesse sentido, o contato com referências como Martin Luther King Jr. e Zumbi dos Palmares, apresentadas em linguagem acessível e poética, contribui para a construção de valores de igualdade e respeito. A literatura infantil, de acordo com Abramovich (1997), não apenas diverte, mas forma leitores e cidadãos ao possibilitar que a criança elabore sentidos sobre si e sobre o mundo. Em *Amoras*, os elementos poéticos e visuais, aliados à representatividade, permitem que crianças negras se vejam retratadas de forma positiva e que todas as crianças aprendam a respeitar e valorizar a diferença. Essa dimensão pedagógica favorece o desenvolvimento socioemocional, aspecto ressaltado também pela BNCC (Brasil, 2017), que estabelece como competência fundamental a valorização da diversidade cultural e o exercício da empatia.

Diante do exposto, percebe-se que *Amoras*, de Emicida, vai muito além de uma narrativa poética destinada ao público infantil: trata-se de uma obra com forte potencial pedagógico, capaz de articular literatura, identidade e educação antirracista desde a primeira infância. Ao valorizar a representatividade, resgatar figuras históricas de resistência e oferecer às crianças uma linguagem acessível e simbólica, o livro se consolida como instrumento formador, alinhado à BNCC e às diretrizes legais que orientam o ensino da diversidade. Nesse sentido, trabalhar *Amoras* em sala de aula é não apenas estimular o prazer pela leitura, mas também formar cidadãos críticos, conscientes e orgulhosos de suas raízes, contribuindo para a construção de uma escola mais justa, inclusiva e plural.

5. O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO DA OBRA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE

O lúdico, enquanto dimensão essencial da infância, possibilita que a aprendizagem aconteça de forma prazerosa e significativa. Como destacam Kishimoto (2011) e Vygotsky (1998), o brincar é espaço privilegiado de experimentação, no qual a criança se desenvolve cognitivamente, socialmente e emocionalmente. Quando aplicado à mediação de obras literárias, o lúdico amplia a experiência estética e formativa, transformando a leitura em um momento de encantamento, partilha e construção de sentidos. Dessa forma, a proposta de atividade aqui apresentada compreende o lúdico como recurso central para mediar a leitura do livro *Amoras*, de Emicida, em um projeto que valorize a representatividade e o respeito à diversidade.

4113

O projeto de mediação lúdica da obra *Amoras* se alinha diretamente às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois contempla competências gerais que envolvem o exercício da empatia, o respeito à diversidade e a valorização da identidade cultural de cada indivíduo. De acordo com o documento (Brasil, 2018), é papel da escola promover experiências que possibilitem à criança compreender-se como sujeito de direitos e reconhecer a importância da convivência com diferentes culturas. Nesse sentido, ao proporcionar atividades que explorem a leitura, a imaginação e a representatividade negra, o projeto favorece tanto o desenvolvimento socioemocional quanto a formação de cidadãos críticos, conscientes e abertos à pluralidade. Além disso, a BNCC (Brasil, 2018) destaca que a Educação Infantil deve priorizar práticas pedagógicas que articulem o cuidar, o brincar e o educar, assegurando às crianças o direito de aprender por meio da ludicidade e da interação.

Nesse sentido, o lúdico pode ser incorporado à literatura na Educação Infantil como forma de ampliar a experiência estética e simbólica das crianças, tornando a leitura um

momento de encantamento e participação ativa. Como ressalta Kishimoto (2011), o brincar não é apenas diversão, mas um meio pelo qual a criança aprende, experimenta papéis sociais e constrói significados. Ao associar a contação de histórias a jogos de faz de conta, dramatizações e atividades interativas, a literatura deixa de ser apenas um texto a ser ouvido para se transformar em vivência, permitindo que a criança se sinta parte da narrativa e, assim, desenvolva linguagem, imaginação e sensibilidade.

Além disso, a inserção do lúdico na literatura infantil favorece a construção de vínculos afetivos com os livros e estimula a formação do hábito leitor desde cedo. De acordo com Abramovich (1997), ouvir histórias é um ato que desperta emoções e provoca aprendizagens profundas, pois envolve a criança em um universo simbólico que ela recria e ressignifica. Quando mediada por recursos lúdicos, a leitura se torna ainda mais atrativa e significativa, proporcionando às crianças oportunidades de explorar personagens, cenários e enredos de maneira ativa, crítica e criativa. Assim, o lúdico e a literatura, juntos, fortalecem uma prática educativa integral e humanizadora.

Para a construção de um projeto pedagógico a partir da obra *Amoras*, de Emerica, é essencial compreender que ele deve ir além da leitura em si, articulando literatura, ludicidade e educação antirracista. A proposta deve ser pensada como um processo contínuo, que envolva momentos de preparação, mediação e reflexão, garantindo que as crianças do Infantil 5 possam vivenciar experiências significativas e prazerosas. O ponto de partida é o reconhecimento da importância da representatividade no espaço escolar, em consonância com a BNCC (Brasil, 2018) e com as Leis nº 10.639/03 e 11.645/08.

4114

O projeto pode iniciar com a organização do espaço da biblioteca como ambiente acolhedor e lúdico, preparado para a contação da história. Nesse momento, a mediação da leitura pelo professor deve ser feita de forma expressiva, explorando as imagens e incentivando a participação ativa das crianças. De acordo com Abramovich (1997), ouvir histórias é um ato que desperta afetos e amplia a imaginação, possibilitando à criança elaborar sentidos sobre si e sobre o mundo. O professor deve, portanto, estimular perguntas, comentários e observações, valorizando as percepções das crianças sobre a narrativa e as ilustrações.

Para Rizzoli, desde a Educação Infantil, é importante que as crianças tenham contato com o universo literário por meio da contação de histórias.

Ouvir histórias faz com que a criança se sinta importante, como se algo fosse pensado especialmente para ela, as histórias curam, alimentam ideias, nos fazem crescer e florescem nossas ideias positivas, especialmente com as crianças. Conforme: “a idade infantil é muito conturbada, pois exige muitos esforços da criança, ela tem de aprender a ficar em pé, em posição ereta, aprender a andar, ter autonomia na vida cotidiana (Rizzoli, 2014, p. 7).

Rizzoli (2014) destaca a importância da contação de histórias desde a Educação Infantil como prática que transcende a mera transmissão de narrativas, constituindo-se como experiência afetiva e formativa. Ao ouvir histórias, a criança sente-se valorizada, reconhecendo-se como destinatária de um gesto de cuidado e atenção. Essa percepção de pertencimento fortalece sua autoestima e cria vínculos positivos com a linguagem e com o universo literário. Mais do que entreter, as histórias oferecem subsídios emocionais e simbólicos, ajudando a criança a lidar com os desafios dessa fase do desenvolvimento, marcada por grandes descobertas e esforços de autonomia.

Nesse sentido, a contação de histórias expressiva torna-se um recurso pedagógico essencial, pois proporciona às crianças experiências de escuta, imaginação e construção de sentidos que contribuem para seu crescimento integral. Ao alimentar ideias e cultivar valores positivos, as histórias funcionam como mediadoras da aprendizagem e da formação emocional, permitindo que a criança elabore suas vivências e compreenda melhor o mundo ao seu redor. Assim, como ressalta Rizzoli (2014), ao reconhecer que a infância é um período exigente e transformador, cabe à escola criar oportunidades para que a literatura esteja presente de forma significativa, atuando como fonte de acolhimento, prazer e formação cidadã.

Nessa perspectiva, os projetos literários de caráter pedagógico assumem grande relevância, pois contribuem não apenas para o desenvolvimento das habilidades leitoras e cognitivas das crianças, mas também para a construção de uma educação comprometida com o respeito à diversidade. Ao promoverem o contato com narrativas que valorizam diferentes culturas e identidades, esses projetos favorecem uma formação antirracista desde a infância, estimulando atitudes de empatia, reconhecimento e valorização do outro no espaço escolar.

Na mediação da obra *Amoras*, o lúdico se apresenta como elemento essencial para potencializar a experiência literária, pois vai além da dimensão do simples brincar e se converte em prática que mobiliza imaginação, criatividade e expressão. Como ressalta Kishimoto (2011), o lúdico é um recurso formativo que possibilita à criança elaborar significados e construir aprendizagens de modo prazeroso e significativo. Ao incorporar jogos de faz de conta, dramatizações com bonecos ou a exploração simbólica das imagens do livro, o lúdico amplia a potência pedagógica da obra de Emicida, permitindo que as crianças se apropriem da narrativa não apenas como ouvintes, mas como protagonistas de um processo criativo que fortalece a identidade, a autoestima e o respeito à diversidade.

Vygotsky (1998) ressalta que o brincar possibilita a internalização de valores culturais, e nesse caso, o projeto permite às crianças se apropriarem de narrativas que reforcem o orgulho e a beleza da identidade negra. Desse modo, no espaço da biblioteca, incorporar à contação de

história o trabalho com pequenos bonecos que representem os personagens da obra, uma menina no momento de construção de sua própria identidade e o pai, que atua como guia e incentivador nesse processo, torna-se uma estratégia pedagógica potente. Essa representação simbólica, mediada pelo lúdico, permite que as crianças visualizem de forma concreta a relação afetiva e formativa que o livro apresenta, reforçando o papel da família e da ancestralidade na constituição da identidade infantil. Ao manipular os bonecos, as crianças não apenas recriam a narrativa, mas também se inserem nela, atribuindo novos significados e vivências pessoais. Essa prática amplia as possibilidades de interpretação da obra, favorecendo a participação ativa e o protagonismo infantil. Assim, a atividade não apenas promove o prazer da leitura, mas também estabelece um espaço de valorização da cultura negra e de reflexão sobre o respeito à diversidade, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes desde a Educação Infantil.

Outro eixo do projeto pode ser a produção coletiva, em que as crianças expressem suas impressões a partir de desenhos, colagens ou pequenas dramatizações inspiradas na leitura. Essa etapa possibilita integrar múltiplas linguagens, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018), promovendo experiências que respeitam o direito de aprender por meio da interação, da imaginação e da ludicidade. O objetivo é que cada criança sinta-se parte do processo, contribuindo com sua criatividade para a reconstrução da narrativa em uma perspectiva coletiva.

4116

Assim, o projeto de mediação lúdica da obra *Amoras* evidencia como a literatura pode se articular ao brincar para potencializar aprendizagens significativas na Educação Infantil. Ao unir contação de histórias, exploração de imagens e dramatização com bonecos, a atividade não apenas estimula a imaginação e a oralidade, mas também fortalece valores de respeito, diversidade e representatividade. Trata-se de uma prática que reconhece o direito da criança de aprender de forma prazerosa e, ao mesmo tempo, crítica, promovendo experiências que integram emoção, cultura e conhecimento.

Dessa maneira, o capítulo demonstra que o lúdico, quando associado à literatura antirracista, se consolida como estratégia pedagógica capaz de transformar o espaço escolar em ambiente de reconhecimento e valorização das identidades. Ao vivenciar essas experiências no espaço da biblioteca, as crianças não apenas ampliam seu contato com a leitura, mas também se apropriam de narrativas que reforçam a beleza da negritude e o respeito às diferenças. Mais do que uma atividade pontual, esse projeto aponta caminhos para a construção de uma escola mais inclusiva, humanizada e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas ao longo deste trabalho evidenciam a importância da literatura infantil como instrumento de formação crítica e subjetiva, especialmente quando articulada ao lúdico e ao compromisso com uma educação antirracista. Obras como *Amoras*, de Emicida, demonstram que a literatura vai além do entretenimento: ela se configura como espaço de representação, reconhecimento e valorização da diversidade, possibilitando que as crianças construam identidades mais seguras e aprendam a respeitar as diferenças desde a Educação Infantil.

Nesse sentido, a análise da obra e a proposta de mediação lúdica desenvolvida mostram que o brincar, aliado à leitura, constitui-se em estratégia pedagógica potente. Conforme apontam Vygotsky (1998) e Kishimoto (2011), o lúdico não se limita à diversão, mas é um caminho para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da internalização de valores culturais. Ao trabalhar com recursos como a contação de histórias, as imagens, os bonecos e as dramatizações, a escola amplia as possibilidades de leitura e favorece a formação de sujeitos críticos, conscientes e orgulhosos de suas origens.

Assim, conclui-se que unir literatura, ludicidade e educação antirracista é um caminho fecundo para a construção de uma escola mais inclusiva, humanizada e transformadora. Projetos pedagógicos que valorizam obras representativas, como *Amoras*, não apenas estimulam o gosto pela leitura, mas também promovem o desenvolvimento socioemocional e a formação cidadã. Dessa forma, reafirma-se a necessidade de práticas educativas que reconheçam a potência da literatura infantil como instrumento de resistência, de encantamento e de promoção de uma sociedade mais justa e plural.

4117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. TED Global, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2008.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de. *Infância e ludicidade: perspectivas contemporâneas*. Porto Alegre: Penso, 2020.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

- EMICIDA. *Amoras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 2005.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brincar: o jogo, a criança e a educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIMA, Heloisa Pires. “Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil”. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: MEC; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- MARINHO, Sérgio. *Ludicidade e educação*. Campinas: Papirus, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, 2005.
- PEREIRA, Fábio; NASCIMENTO, Edimilson. “Literatura, infância e subjetividade”. *Revista Educação e Linguagem*, v. 23, n. 2, p. 479-495, 2020.
- RIZZOLI, Lilian. *Contação de histórias na educação infantil*. Curitiba: CRV, 2014.
- SCHLINDWEIN, Luciane Maria; LATERMAN, Ilana; PETERS, Leila (orgs.). *O brincar na educação infantil: olhares contemporâneos*. Curitiba: Appris, 2017.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Educação e relações raciais: refletindo sobre a prática*. Brasília: MEC, 2015.
- SOARES, Letícia Cavassana. *Brincar e aprender: ludicidade na escola contemporânea*. São Paulo: Cortez, 2021.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WAJSKOP, Gisela. *O brincar na educação infantil*. Campinas: Papirus, 2018.